



O USO DO LÚDICO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A PREVENÇÃO DAS DST/AIDS NA ESCOLA

MIRANDA, C.S.¹ OLIVEIRA, G.F²

Universidade Federal Rural de Pernambuco, carolbioufrn@yahoo.com.br¹. Universidade Federal Rural de Pernambuco, gildedufrpe@gmail.com².

RESUMO: A temática que envolve as Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST e AIDS que segundo o Programa de Saúde do Adolescente - PROSAD (2006), são transmitidas, principalmente por contato sexual, tem ocorrido através da relação sexual onde um/a dos/as parceiros/as não usam nenhum tipo preservativo. Tendo como objetivo do projeto utilização do lúdico como ferramenta pedagógica, para a promoção da prevenção das DST/AIDS nos/as adolescentes, de uma escola de referência do Ensino Médio do estado de Pernambuco.

Palavras-chave: Prevenção, sexualidade, ludicidade

INTRODUÇÃO

A temática que envolve as Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST e AIDS que segundo o Programa de Saúde do Adolescente - PROSAD (2006), são transmitidas, principalmente por contato sexual, tem ocorrido através da relação sexual onde um/a dos/as parceiros/as não usam nenhum tipo preservativo. Estas questões, não só dizem respeito ao enfoque biologizante, mas também o social, econômico, cultural, histórica, o qual deve ser trabalhada na perspectiva da “interdisciplinaridade onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto” (FAZENDA, 2009).

Dessa forma, cabe à escola no seu papel de construção de identidade(s), desenvolver ações em que os educandos sejam convidados a fazer uma (re)leitura de sua própria realidade de forma crítica-reflexiva, a fim de (re)pensarem em suas posturas, para planejarem e executarem atitudes sustentáveis para a promoção da saúde pessoal e coletiva. Com isso a escola deve trabalhar essa temática numa perspectiva lúdica, a fim de que possa despertar o interesse nos adolescentes.

Segundo Kishimoto (2003), a ludicidade “potencializa a exploração e construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico”. Como ferramenta pedagógica



na sala de aula, a ludicidade proporciona uma aprendizagem significativa tanto para o educando, como também para o educador, bem como estimula a construção de um novo conhecimento, que promove uma (re)educação numa perspectiva apontada por Freire (1980) mais holística, crítica e emancipatória.

Nessa perspectiva, a Rede Nacional de Formação Inicial e Continuada de Profissionais de Educação Básicas – RENAFOR, em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, campus sede, vem oferecendo formação continuada de educadores/as, o qual se insere o curso “Juventude, Sexualidade e Prevenção das DST/AIDS.”

O curso possibilitou desmistificarmos (pré)conceitos que giram em torno desse tema; esclarecimento especificamente sobre a temática; informação sobre meios de prevenção; DST e AIDS; locais e as respectivas formas de tratamento; indicações de literaturas; mitos e verdade sobre preservativos (masculino e feminino), além de oferecer um leque de proposta de estratégias didático-pedagógica que possibilita a abordagem desta temática de forma interdisciplinar buscando se adequar a realidade dos adolescentes. Portanto a execução desse projeto faz parte da atividade de conclusão do referido curso, tendo como objetivo do projeto utilização do lúdico como ferramenta pedagógica, para a promoção da prevenção das DST/AIDS nos/as adolescentes, de uma escola de referência do Ensino Médio do estado de Pernambuco.

DESENVOLVIMENTO

A sexualidade no ambiente escolar e as formas de tratar as DSTs

A sexualidade pode ser concebida sobre diferentes óticas ligadas a diferentes correntes teóricas. Porém a concepção dialética e política, é a perspectiva adotada nesse trabalho, a qual concebe a sexualidade como a dimensão mais ampla da condição humana, como uma construção pessoal e social, em que o ser humano é visto como participante ativo desse processo, uma vez que influencia na construção de valores e normas sexuais e, ao mesmo tempo, é dialeticamente influenciado por eles, implicando no poder que a pessoa tem de ser sujeito de sua própria sexualidade.



Essa perspectiva foi baseada em Figueiró (2014, p.48), quando faz menção ao pensamento de Nunes descrevendo:

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma parte do corpo.

Nessa visão de sexualidade, o sujeito é visto como um ser complexo, interagindo de um lugar diferente para Foucault, (apud Miranda, 2005). O Eu torna-se sujeito e objeto simultaneamente da história. Essa forma de interação, promovida pelo meio entre sujeito e objeto, constitui o que Guattari (apud Miranda, 2005), chamou de subjetividade. A partir dessa visão, o sujeito é visto como um ser que se desenvolve transdisciplinarmente e não de forma dicotomizada.

Porém não é dessa forma que o homem contemporâneo é visto pelo sistema, ele ainda é percebido como um indivíduo fragmentado, isso se reflete na sua forma de viver e conseqüentemente na sua sexualidade (SALLA e QUINTANA, 2002). Essa forma de enxergar a sexualidade humana é difundida no ambiente escolar, como um mecanismo de enquadramento do sujeito social as normas do sistema.

Segundo Bonfim (2012), ainda existe nas escolas uma visão moral sexual patriarcal, esse modo de perceber a sexualidade ainda está muito arraigado e mesmo estando tão fixada é necessário tentar resignificar. O que não se pode negar é que a sexualidade perpassa várias áreas da vida do sujeito e que por isso não pode ser mantida em caixas disciplinares.

Chauí (1984), traz várias ideologias que a sociedade criou em cima da sexualidade fazendo como que ela se tornasse assunto tabu. Um deles é a concepção religiosa, que considera a sexualidade como pecado e denota impureza.

Dentro da ciência ela é relacionada apenas ao corpo, pois o ser humano é visto como um ser dicotomizado, dividido entre corpo e alma. Por isso a sexualidade se resume a ao ato sexual, reprodução, e assim é um assunto atribuído como competência apenas do professor de ciências e biologia.



Esse modo dicotômico de enxergar o ser humano e a sexualidade influencia na forma como as DSTs e a AIDS são trabalhadas dentro de sala de aula. Abramovay (et al, 2004) traz dados que mostram que os métodos contraceptivos são sempre postos como responsabilidade das mulheres, ou seja, elas são as únicas responsáveis por uma gravidez indesejada, enquanto os métodos de prevenção de DSTs são ligados ao homem, pois os métodos de prevenção femininos são rejeitados por elas, pelo simples fato de que a mulher tem mais pudor e medo do auto toque.

O professor por sua vez estimula esse pensamento valorativo e trata esses temas de forma engessada. Como ator escolar que estabelece relações mais sólidas com os alunos, o professor é principal reprodutor dos ideais da escola, o que influencia diretamente na construção da identidade daqueles sujeitos, pois muitas vezes eles não percebem o quão é importante o papel que eles exercem na sociedade.

O Papel da escola na construção identitária do sujeito

A escola foi criada com a função de reproduzir ideais do sistema capitalista, por isso com a intensão de capacitar jovens e crianças para o mundo do trabalho (CARRANO,2005). Porém na atualidade as várias funções da escola vem emergindo e uma delas muito importante é a contribuição dela para a constituição dos sujeitos e de suas identidades.

Carrano (2005) afirma que é na escola que as várias culturas se cruzam, os vários sujeitos trazem seus valores e suas culturas para aquele ambiente. Porém a escola tenta regular a expressão dessas culturas, tentando evidenciar apenas aquelas concepções adotadas pela sociedade de modo geral.

A sexualidade, portanto dentro desse sistema educacional regido pela sociedade, toma um lugar de assunto proibido. Mesmo com toda a pressão que alguns movimentos sociais tem feito, a sociedade se nega em aceitar esse tema como natural da existência humana.

Louro (2000) diz que nenhuma identidade é natural, ela é produzida pela cultura e a sociedade tende a comparar as identidades e aquelas que não tendem a seguir um padrão dito normal é deixada a margem da sociedade. Como a escola é um espelho da sociedade ela finge que



considera a diversidade, porém continua velando o valor heterossexual, sendo assim a identidade de gênero é a mais controlada e vigiada dentro do ambiente escolar.

A escola contemporânea é consciente do seu papel, e por isso vem em um movimento de tentar mudar e romper com o sistema. Esse movimento é difícil cansativo, mas já podemos enxergar algumas práticas que tendem a uma educação para a emancipação, como por exemplo, a ludicidade que tem sido inserida nas escolas como estratégia de ensino. Muito se tem visto dos bons resultados que esse tipo de prática tem gerado na escola.

O lúdico no ambiente escolar

O brinquedo, segundo Kishimoto (2003), é o objeto do brincar que nos faz relembrar a infância:

[...] O vocábulo brinquedo não pode ser reduzido à pluralidade de sentidos de jogos, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil. E a brincadeira? É a ação que a criança desempenha a concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação.[...] (Pg. 111)

A princípio o jogo era visto como oposto ao trabalho, alguns pensadores como Aristóteles dizia que o jogo era um momento de relaxamento da mente necessário para depois voltar a um trabalho mental satisfatório. Na escola ele era visto apenas como um momento de recreação. Porém com o advento do renascimento, considerado momento da compulsão lúdica, segundo Kishimoto (2003), outras visões aparecem acerca dos jogos no ambiente escolar.

A partir do Renascimento, vê-se a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo. Ao atender necessidades infantis, o jogo toma-se forma adequada para aprendizagem dos conteúdos escolares. Assim, para se contrapor aos processos verbalistas



de ensino, a palmatória vigente, o pedagogo deveria dar forma lúdica aos conteúdos. [...] (KISHIMOTO, 2003, pg.119)

Baseados na etologia animal a psicologia e a pedagogia, vieram a confirmar essa nova perspectiva que surge em cima do significado dos jogos, pois os testes com animais mostraram que os jogos estimula o sistema nervoso central que por consequência desenvolve várias habilidades ligadas a motricidade e sociabilidade, por exemplo.

Antunes (1999) traz a existência de múltiplas inteligências, essas inteligências são as competências que os indivíduos podem desenvolver em diferentes áreas do conhecimento. Segundo ele os cinco primeiros anos do individuo é crucial para o desenvolvimento dessas múltiplas inteligências, e para tanto é necessário estímulos. O jogo seria o mais eficiente meio estimulador dessas inteligências.

O lúdico no ambiente escolar se faz necessário, diante do que foi visto no presente trabalho, essa estratégia pode ser muito eficiente para uma aprendizagem significativa. Sendo assim, temáticas que emergem da sexualidade poderia ser melhor compreendida com o auxílio dessa estratégia de ensino.

Brêtas (et al, 2015), utilizou um jogo de tabuleiro para trabalhar essa temática com jovens em escola:

Os resultados evidenciaram que o jogo no formato como foi concebido, atende adequadamente a faixa etária pretendida, pois através do seu caráter lúdico possibilitou a participação dos adolescentes e jovens de forma intensa, descontraída, prazerosa e interativa, o que facilitou o aprofundamento das discussões sobre o tema. (pg. 27)

Além de promover um envolvimento do sujeito no processo de ensino-aprendizagem, os jogos podem facilitar a socialização entre o aluno-professor e entre o aluno com outros alunos. Estimula a criatividade e leva a reflexão das suas ações e portanto a construção e reconstrução de



seus conceitos e valores, sendo assim influencia no processo de construção identitária (BRÊTAS et al, 2015).

METODOLOGIA

De acordo com Oliveira (2009, página), “a pesquisa é um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo, [...] esse processo implica em estudos, observações e aplicação de questionário”. O presente projeto foi desenvolvido na Escola de Referência em Ensino Médio Ginásio Pernambucano, nas turmas do segundo ano, totalizando aproximadamente quarenta educandos.

Dentro da matriz curricular da escola, encontra-se incluída a disciplina “Parte Diversificada – PD”, onde são trabalhadas várias temáticas, inclusive os temas transversais. Durante o ano, várias PD são abertas abordando temáticas diferentes, e os educandos escolhem qual delas quer cursar, sendo necessário está inscritos em pelo menos uma PD. No momento, a PD que estava sendo ofertada, tinha como tema: “Relação de Gênero e sexualidade”, esta disciplina estava sendo oferecida apenas aos educandos do segundo ano.

A partir dessa PD, encontramos espaço para trabalharmos as seguintes temáticas; juventude, DST /AIDS, sexualidade, gravidez na adolescência dentre outras que foram surgindo, de acordo com as inquietações dos educandos. Esta proposta de intervenção foi executada em etapas, descritas a seguir.

ETAPA 1

Nesta primeira etapa, foi realizada uma observação das aulas da PD (Parte Diversificada), a fim de analisarmos o desenvolvimento do tema, a participação dos educando, a metodologia adotada, a prática didático-pedagógica inserida para trabalhar a temática.

ETAPA 2

A partir da observação aplicamos um questionário avaliativo, a fim de identificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre a temática. A partir do questionário e das observações



que realizamos na sala de aula, dentro da disciplina PD, constatamos a necessidade de intervenção o qual no instigou a abordarmos os seguintes temas: juventude, DST /AIDS, sexualidade, gravidez na adolescência dentre outras.

ETAPA 3

Para trabalhar estas temáticas, desenvolvemos o subprojeto: “Atitudes de Prevenção e Promoção à saúde para a Juventude no combate a DST/AIDS”, onde desenvolvemos oficinas lúdicas, palestras, debates e aulas expositivas dialogadas a fim de poder contribuir para uma melhor abordagem e compreensão do tema.

ETAPA 4

Em seguida, levamos os educandos a visitar um laboratório de Microbiologia na UFRPE, com o intuito de através do uso de microscópio eletrônico perceber as diferentes formas e estruturas de agentes microbiológicos causadores de doenças relacionando-as a algumas DST.

ETAPA 5

Avaliação o qual utilizamos como suporte a entrevistas, pois precisávamos coletar informação que a princípio poderiam escapar ao questionário. Para tanto, gravamos as entrevistas, que foram estruturadas com as mesmas perguntas do primeiro questionário aplicado em um segundo momento, a fim de que ampliássemos nossos dados, e que pudesse contribuir para uma melhor elaboração posterior das oficinas e demais atividades lúdicas.

RESULTADOS

A partir dessa intervenção em relação aos adolescentes, levamos os mesmos a refletir criticamente sobre suas posturas, com a utilização do lúdico, em relação a sua própria saúde e de seu companheiro. No intuito que possa ter consciências de seus atos, e assim planejarem atitudes no âmbito na prevenção, cuidando não apenas de sua saúde pessoal, mas também na saúde coletiva,



uma vez que estamos dentro de uma teia de relações, e uma ação interfere direta ou indiretamente nos sujeitos que estão próximo.

No que diz respeito à escola, acreditamos também na fala de Júnior (2012), que o lúdico vem contribuindo efetivamente em várias áreas do conhecimento, possibilitando abranger mais a inter-relação entre áreas, facilitando através destas abordagens uma melhor compreensão do objeto de diálogo, que está em discussão.

Para isso se faz necessário, que a escola se aproprie de várias ferramentas que contribua no processo de ensino e aprendizagem, sendo uma delas o lúdico, sejam pelos jogos e demais atividades práticas, ou pelas dinâmicas e oficinas que permitem a produção de materiais didático-pedagógicos no espaço escolar.

Portanto concordamos com Teixeira (2000), que abordar questões sobre sexualidade e gênero, antes de se iniciar uma discussão sobre as DST/AIDS, torna-se uma necessidade, pois os adolescentes vêm iniciando as relações sexuais cada vez mais cedo. Sendo assim, abordar tais questões no âmbito escolar de forma lúdica e interdisciplinar, tem se tornado uma urgência nos tempos atuais.

Dessa forma, este projeto também alcançou educadores, de forma que os mesmos possam a partir das atividades que foram realizadas, desenvolver também com outras turmas, para que possam levar informações e desmistificar esta temática, a fim de que os educandos não sejam vítimas do preconceito que atinge a população, principalmente a escolar, bem como contribuir para a construção de sua(s) identidade(s).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam, CASTRO, Mary Garcia e SILVA, Lorena Bernadete. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BONFIM, Cláudia. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papirus, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília, 1998.

BRÊTAS, José Roberto da Silva et al. Educação em sexualidade no contexto da extensão universitária: o jogo como prática de intervenção. **Rev. Ciênc. Ext.** v.11, n.2, p.21-37, 2015.



CARRANO, Paulo César Rodrigues. In Construção coletiva: **Contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

CHAUÍ, Marilena.de Souza. **Repressão sexual**: essa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**. Vol. 1, n. 1, 2009.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual**: retomando uma proposta,um desafio. Ed. Londrina: Ed. UEL, 2000.

_____, _____. **Formação de educadores sexuais**: Adiar não é mais possível. 2. ed. Londrina: Eduel, 2014.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

KISHIMOTO, T. **O jogo e a educação infantil**. KISHIMOTO, T. (Org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2003.

LOURO, Guaracira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação e Realidade**. Jul/dez, 2000.

MIRANDA, Luciana Lobo. In SOUZA, Solange Jobim e (org). **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7letras. 2005 (2ª edição).

OLIVEIRA, D. C; PONTES, A. P. M; GOMES, A. M. T; RIBEIRO, M. C. M. **Conhecimentos e práticas de adolescentes sobre DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro**. Esc Anna Nery Rev Enferm 2009 out-dez; v. 13 n. 4, p. 833-41.

SALLA, Lilian Fenalti e QUINTANA, Alberto Manuel. A sexualidade enquanto tema transversal: Educadores e suas representações. **Revista do Centro de Educação**, nº 19, p.1-6, abri.2002.